

O paralelismo entre o DP e a frase e o estatuto dos adjectivos

Ana Castro*

Universidade Nova de Lisboa/Université de Paris 8

1. Introdução

Os objectivos desta comunicação são três: primeiro, partindo da ideia do paralelismo entre DP e a frase, avaliar a hipótese de que os adjectivos são gerados como especificadores de categorias funcionais, organizadas numa hierarquia universal fixa – a hipótese de Cinque (1994); segundo, comparar esta hipótese com a hipótese tradicional, de que (alguns) adjectivos são adjuntos – entre outros, Bernstein (1992); e, por fim, defender uma análise não uniforme dos adjectivos.

Para isso, na secção 2, apresentarei os pressupostos e consequências da ideia de que o DP tem uma estrutura paralela à da frase. A secção 3, sobre o estatuto sintáctico dos adjectivos, subdivide-se em quatro partes: uma tipologia de adjectivos, adaptada de Brito (2003), que organiza classes de adjectivos em categorias sintácticas e semânticas (3.1.); a proposta de Bernstein (1992) de que alguns adjectivos são adjuntos (3.2.); a proposta de Cinque (1994), de que todos os adjectivos (e ainda outros elementos) são gerados como especificadores de categorias funcionais universalmente hierarquizadas (3.3.); e os problemas levantados por esta proposta (3.4.); e. Na secção 4, esboçarei algumas conclusões.

2. O paralelismo entre o DP e a frase

Desde Chomsky (1970), Cinque (1980) e, em particular, no seguimento da hipótese DP (Abney 1987), são inúmeros os autores que propõem que existe um paralelismo entre a estrutura do DP e a da frase – veja-se Alexiadou e Wilder 1998 e referências aí mencionadas. Os pressupostos desta ideia são os seguintes:

- Os argumentos do nome são gerados na base dentro do NP (numa configuração semelhante à do verbo com os seus argumentos).
- Os possessivos são licenciados formalmente em Spec,XP^1 , sendo XP uma categoria paralela a IP e imediatamente dominada por DP.

* PRAXIS XXI/BD 21603/99, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal.

¹ A etiqueta desta categoria varia consoante os autores: AgrS_NP para Cardinaletti (1998) e Miguel (2002a), PosP para Cinque (1994) e Schoorlemmer (1998), IP para Zribi-Hertz (1998), SPoss para Brito (1999), SCONC para Brito (2001, 2003), entre outras...

- A subida dos possessivos (pré-nominais) para Spec,XP é um movimento semelhante ao movimento de um sujeito para Spec,IP.
- Os adjectivos são paralelos, no DP, aos advérbios, na frase.

As consequências destas assumpções são que DP é paralelo a CP – Szabolcsi (1989) – e não a IP, e que o nome tem de subir, em última instância, para o núcleo de X, para se dar a concordância especificador-núcleo, análoga à concordância especificador-núcleo entre o sujeito, em Spec,IP, e o verbo, em I.

3. O estatuto sintáctico dos adjectivos

3.1. Tipos de adjectivos

Nesta secção, apresento uma tipologia dos adjectivos que parte da tipologia de Brito (2003)², baseada em critérios mais semânticos que sintácticos. Aqui as categorias apresentadas pela autora são reorganizadas, tendo como referência um critério distribucional, de posição relativa ao nome.

Assim, as várias classes semânticas definidas por Brito foram agrupadas em dois grupos, o dos adjectivos pré-nominais e a dos adjectivos pós-nominais. Alguns adjectivos têm distribuição rígida: ocorrem unicamente pré ou pós-nominalmente, como *mero* e os temáticos, respectivamente. Outros podem ocorrer pré- e pós-nominalmente, ainda que isso implique alguma alteração no seu significado: os adjectivos modificadores ou qualificativos e os modais e temporais-aspectuais.

Os ADJECTIVOS PRÉ-NOMINAIS podem ser:

Adjectivos modificadores do significado ou intensão dos nomes: não qualificam o nome mas têm valores de quantificação e intensidade; não podem ser modificados nem ocorrer em posição predicativa e são obrigatoriamente pré-nominais; nesta classe, está o adjectivo *mero*³.

(1) A mera alusão ao acidente deixa-a nervosa.

² Outra tipologia, para o Português, é a de Miguel (2002a) (adjectivos predicativos, temáticos, adjuntos e nucleares), assente em critérios basicamente sintácticos.

³ Bernstein (1992) e, a partir dela Miguel (2002a), classifica este como um adjectivo nuclear, a par de *puro* pré-nominal e *outro*.

Principal e *pleno* pertencem, segundo Brito, também a esta classe. No entanto, eles podem ocorrer em posição pós-nominal.

(i) Qual é a (principal) causa (principal) de acidentes domésticos?

(ii) Tenho a plena consciência de que errei.

(iii) Tenho consciência plena de que errei.

Adjectivos negativos e conjecturais: adjectivos como *presumível* e *falso*⁴, não podem ser modificados nem ocorrer em posição predicativa.

- (2) O presumível culpado já foi detido.
- (3) Cruzaste-te com o falso cobrador de impostos?

Possessivos (definidos), ordinais, cardinais, outro⁵ ...

- (4) As minhas duas primeiras viagens de avião foram a Paris.
- (5) A minha outra viagem de avião foi ao México.

Adjectivos modificadores ou qualificativos em posição atributiva: a maioria destes adjectivos pode ocorrer também pós-nominalmente, embora com diferentes interpretações ou mesmo diferente significado⁶; podem também ocorrer em posição predicativa.

- (6) Uma grande conversa fez com que fizessem as pazes.
- (7) Uma linda menina nasceu ontem às 3 horas.
- (8) O infernal passeio demorou 4 horas.
- (9) O pobre homem ainda não recuperou do choque.

Adjectivos modais e temporais-aspectuais: podem ocorrer pré e pós-nominalmente, ainda que com diferentes interpretações, e em posição predicativa; são adjectivos como *possível*, *provável* e *frequente*, *permanente*, *súbito*.

- (10) A possível fuga do acusado acelerou a sua prisão.
- (11) As permanentes interrupções da aula irritaram o professor.

Os ADJECTIVOS PÓS-NOMINAIS dividem-se em:

Adjectivos modificadores ou qualificativos em posição adnominal: têm valor restritivo, especificador, predicativo.

- (12) Uma conversa grande fez com que fizessem as pazes.
- (13) Uma menina linda nasceu ontem às 3 horas.
- (14) O passeio infernal demorou 4 horas.
- (15) O homem pobre ainda não recuperou do choque.

Adjectivos modais e temporais-aspectuais

- (16) Foi a fuga possível, esta...
- (17) A interrupção permanente da circulação automóvel na minha rua arruinou o comércio local.

⁴ *Falso* não é obrigatoriamente pré-nominal, embora em posição pós-nominal tenha um significado diferente ('dissimulado').

⁵ Estes elementos são incluídos aqui, não por os considerar adjectivos, mas porque Cinque (1994) os considera a par dos outros adjectivos, na hierarquia de posições funcionais que estabelece para os elementos pré-nominais. Estes coocorrem com o artigo definido e o nome dentro do DP. Existem outros elementos pré-nominais que coocorrem com o nome em contextos indefinidos, e que Cinque (1994) não considera, como *certos*, *muitos*, *alguns*...

⁶ Brito (2003) considera dentro desta classe também os adjectivos de cor que não podem ocorrer em posição atributiva.

Adjectivos relacionais ou temáticos: correspondem ao argumento externo dos nomes deverbais ou são adjectivos denominais e são sempre pós-nominais nas línguas românicas⁷.

(18) O ataque anglo-americano ao Iraque foi um disparate.

(19) A ajuda materna foi imprescindível.

(20) As redes neuronais são um tópico importante de pesquisa.

Adjectivos técnicos, que designam estado, origem, cor, matéria ou nacionalidade: só ocorrem em posição pós-nominal, com valor unicamente restritivo, classificatório.

(21) Desenha-me um triângulo equilátero.

(22) A contestação estudantil vai aumentar nas próximas semanas.

(23) O mercado português está em recessão.

3.2. Os adjectivos como adjuntos - Bernstein (1992)

A análise tradicional dos adjectivos, nomeadamente os pós-nominais, é a de que são adjuntos.

No entanto, alguns autores propõem análises não uniformes das várias classes de adjectivos. Para Bernstein (1992), os adjectivos pré-nominais⁸ são ou núcleos que seleccionam um NP como complemento – os adjectivos como *mero* e *outro* – ou adjuntos a NumP, os adjectivos com leitura restritiva. Os adjectivos pós-nominais são adjuntos a NP, com leitura não restritiva.

3.3. Os adjectivos como especificadores - Cinque (1994)

A proposta de Cinque (1994) é de que a posição básica de todos os adjectivos é universal, como especificadores de categorias funcionais hierarquicamente dispostas entre D e N.

Assim, Cinque estabelece que a hierarquia de categorias funcionais seja como em (24) para os nomes que denotam objectos ('object denoting nominals') e em (25) para os nomes eventivos ('event nominals').

(24) NOMES QUE DENOTAM OBJECTOS

$[_{DP}$ os $[_{NumP}$ meus POS $[_{CardP}$ três CARD $[_{OrdP}$ primeiros ORD $[_{QualP}$ saborosos QUAL $[_{SizeP}$ grandes SIZE $[_{ShapeP}$ redondos SHAPE $[_{ColorP}$ castanhos COLOR $[_{NationP}$ americanos NATION $[_{NP}$ donuts]

⁷ A posição pós-nominal destes adjectivos constitui o argumento forte para a hipótese de movimento do nome nas línguas românicas – veja-se Cinque (1990) e Brito (1996) para o Português.

Em (18), *anglo-americano*, sendo o argumento externo do nome (com o papel temático de Agente), é gerado em Spec,NP e o N movido depois para um núcleo à sua esquerda, Num(ero). Cinque (1994), como se verá, considera que estes adjectivos são gerados fora do domínio do NP, em especificador de uma categoria funcional ThematicP, em distribuição complementar com MannerP, uma vez que os dois tipos de adjectivos não coocorrem.

⁸ A diferença entre eles é que os primeiros não podem ocorrer em contextos predicativos, de elipse e não podem ser modificados; e os segundos, tal como os adjectivos pós-nominais, podem.

(26) NOMES EVENTIVOS

$[_{DP}$ os ($[_{PosP}$ meus POS) $[_{CardP}$ dois CARD $[_{OrdP}$ primeiros ORD $[_{Speaker-OrP}$ prováveis SPEAKER-OR $[_{Subj-OrP}$ precipitados SUBJ-OR $[_{MannerP}$ imediatos MANNER / ($[_{ThematicP}$ americanos THEMATIC) $[_{NP}$ ataques]

A diferente ordem relativa nome-adjectivos nas línguas românicas e nas línguas germânicas é fruto do movimento do nome para o núcleo de uma dessas categorias funcionais intermédias, presente nas línguas românicas e ausente nas línguas germânicas.

A motivação para o movimento do nome nas línguas românicas é de natureza morfológica, para verificar os traços de número e género dos adjectivos. Como consequência do movimento do nome, a concordância manifesta-se lexicalmente.

3.4. Problemas para a análise de Cinque (1994)**3.4.1. Efeitos de Minimalidade Relativizada**

Bernstein (2001) nota que a proposta de Cinque (1994) coloca um problema à subida do possessivo pré-nominal, gerado na base dentro do NP⁹: sendo especificadores, os adjectivos, pelo menos os pré-nominais, bloqueariam a subida do possessivo (num movimento de especificador a especificador) porque este “passaria por cima” de adjectivos que intervêm entre o possessivo e o nome, induzindo uma violação de Minimalidade Relativizada (Rizzi 1990), não devendo ser possível (27).

(27) os meus donuts saborosos e americanos

Cinque (1994) considera também os efeitos de Minimalidade Relativizada e usa-os mesmo como argumento a favor da projecção de adjectivos como especificadores e não adjuntos: em Romeno, os adjectivos podem mover-se para Spec,DP (28); e os demonstrativos, projecções máximas em posição de especificador, não bloqueiam o movimento do nome (movimento de núcleo) (29) mas bloqueiam o movimento de outros APs (movimento de especificador) (30).

(28) (Extraordinar de) frumos_i ul *t* portret
(muito) bonita-a fotografia

(29) a. Portret_i ul acesta *t* frumos *t*
fotografia-a esta bonita

b. * (Extraordinar de) frumos_i ul acest(a) *t* portret
(muito) bonita-a esta fotografia

Assim, assumindo a hierarquia proposta por Cinque (1994), também os possessivos, os cardinais e os ordinais (projecções máximas geradas em especificador acima dos outros adjectivos na proposta de Cinque 1994) deveriam bloquear a subida do adjectivo, como sugerido por Bernstein (2001).

Mas tal não acontece¹⁰.

⁹ Bernstein parte do pressuposto de que Cinque assume uma análise derivacional para os possessivos pré-nominais, seguindo Cinque (1980). Assim, nesta proposta os possessivos não seriam gerados na base na posição de Spec,PosP mas movidos para aí, ao contrário dos outros adjectivos, gerados na base em especificador da respectiva categoria funcional.

¹⁰ Agradeço à Dana Isac pelos julgamentos de gramaticalidade nos dados do Romeno.

- (30) a. frumos_{ul} meu *t* portret
 bonita-a minha fotografia
 b. frumos_{ul} meu prim *t* portret
 bonita-a minha primeira fotografia

Há duas possíveis soluções para este problema.

Uma pode ser mantida ainda como um efeito de Minimalidade Relativizada, apelando à revisão desta feita em Rizzi (2002).

Aí as restrições de intervenção são determinadas, já não em termos de posições (núcleo ou especificador, posição A ou A-barra), mas sim em termos de traços semelhantes. Rizzi distingue, então, 4 classes: argumental, quantificacional, modificador e tópico. Os possessivos pertenceriam à classe dos argumentos e os ordinais e cardinais à dos elementos quantificacionais, não sendo, portanto, “bloqueadores” à subida dos adjectivos qualificativos, pertencentes à classe dos modificadores. Os demonstrativos têm de ter traços relevantes que façam deles próprios “bloqueadores” à subida dos adjectivos qualificativos. Deveriam, portanto, pertencer também à classe dos modificadores.

Tendo em conta a revisão da teoria em Rizzi (2002), a Minimalidade Relativizada dá conta dos dados observados no Romeno e parece ser um argumento a favor da hipótese de Cinque (1994).

Outra solução possível, mas contrária à proposta de Cinque (1994), é considerar os possessivos (pré-nominais), os ordinais e cardinais não como projecções máximas mas como núcleos, atendendo a que estes elementos não podem ser modificados e não têm complementos, e assim sendo não colidiriam com a subida de um AP. Isto implicaria, no entanto, ou considerar que os demonstrativos, pelo menos em Romeno, seriam projecções máximas e não núcleos, para manter uma proposta dos adjectivos à la Cinque, ou analisar os adjectivos como adjuntos.

3.4.2. Coordenação

Assumindo a proposta de Cinque (1994), todos os especificadores deveriam ocorrer justapostos, e não coordenados.

No entanto, e tal como foi já observado por Costa (2000) para os advérbios, podem coordenar-se adjectivos de tipo diferente. Aliás, os adjectivos que ocorrem, em Português, tipicamente pós-nominalmente, nem podem ocorrer meramente justapostos, sem coordenação.

- (31) a. * os donuts saborosos grandes redondos brancos americanos
 b. os donuts saborosos, grandes, redondos, brancos e americanos

Quando estes adjectivos podem ocorrer pré-nominalmente – os adjectivos qualificativos e de tamanho –, não podem também ocorrer justapostos; têm de ser coordenados.

- (32) os saborosos *(e) grandes donuts

Já os possessivos, cardinais e ordinais, tipicamente pré-nominais¹¹, ocorrem obrigatoriamente justapostos, sem coordenação.

(33) os meus (*e) dois (*e) primeiros donuts

Estes factos parecem levar à conclusão de que há uma só posição para os adjectivos tipicamente pós-nominais e, quando ocorre mais do que um, eles são coordenados.

3.4.3. Variação na ordem

Um dos argumentos apontados por Cinque a favor da sua hipótese é o de que os adjectivos ocorrem respeitando uma ordem fixa; esta propriedade só seria captável por uma estrutura de complementação, uma vez que as adjunções tendem a ser livres.

Os adjectivos coordenados (os tipicamente pós-nominais) podem ocorrer numa ordem que não a definida em Cinque (1994), o que mostra que é verdadeira coordenação¹².

- (34) a. os donuts saborosos, grandes, redondos, brancos e americanos
 b. os donuts americanos, brancos, saborosos, grandes e redondos
 c. os donuts saborosos, americanos e redondos
 d. os donuts brancos e grandes

Estes dados dão evidência para se considerar estes adjectivos adjuntos, uma vez que se fossem especificadores de categorias funcionais hierarquicamente organizadas, não seriam coordenáveis (como visto acima) e a sua ordem relativa seria fixa.

3.4.4. Concordância

Como já foi referido, o movimento do nome dá-se nas línguas românicas para verificar os traços de número e género dos adjectivos, numa configuração de especificador-núcleo, exactamente como é despoletada a concordância sujeito-verbo, e, como consequência do movimento do nome, a concordância manifesta-se lexicalmente. O contrário acontece nas línguas germânicas: não há movimento do nome e não há concordância visível.

No entanto, este aspecto levanta pelo menos dois problemas.

Primeiro, a concordância especificador-núcleo nome-adjectivo é “invertida”¹³. Na relação sujeito-verbo, é o sujeito, em especificador, que desencadeia a concordância no verbo, em núcleo. Aqui, seria o núcleo, o nome, a desencadear a concordância do(s) especificador(es).

¹¹ Os possessivos em contextos definidos são tipicamente pré-nominais; os cardinais e ordinais são obrigatoriamente pré-nominais, independentemente da definitude ou indefinitude do DP.

¹² O mesmo argumento, aplicado aos advérbios, foi usado por Costa (2000) e Ernst (2000) para defender que os advérbios são adjuntos e não especificadores.

¹³ Agradeço ao Andres Salanova por esta observação.

Segundo, não se esperaria um padrão de concordância dos adjectivos uniforme. Se a verificação é feita numa relação especificador-núcleo na Sintaxe explícita, só os adjectivos pós-nominais e o adjectivo pré-nominal imediatamente antes do nome deveriam manifestar morfologia de concordância, padrão que não se verifica nas línguas românicas.

(35) * o meu primeiros donuts saborosos, grandes, redondos, brancos e americanos

Por outro lado, sabe-se que as configurações de especificador-núcleo não são nem necessárias nem determinantes para a concordância, i.e., existe concordância independente de configurações de especificador-núcleo: nos sujeitos de 3ª pessoa singular do Inglês (não há relação especificador-núcleo entre o sujeito e o verbo, uma vez que este não sobe para I, e há concordância) e nos participios passados e predicados de orações pequenas em Português Europeu - Costa e Figueiredo Silva (2003).

4. Conclusões

A partir dos argumentos apresentados na secção 3, parece não haver evidências contundentes para assumir uma análise para os adjectivos à la Cinque (1994). Ao contrário do que Cinque afirma como argumentos fortes para a sua hipótese, a seriação dos adjectivos não é rígida e os efeitos de Minimalidade Relativizada não são inquestionáveis.

Assim, penso que se pode assumir uma análise não uniforme para os adjectivos.

Há elementos como *mero*, *outro*, os possessivos e os cardinais e ordinais que podem ser analisados como núcleos.

Os adjectivos temáticos, pela sua natureza argumental e, por isso, próximos dos possessivos e outros DPs argumentais, podem ser gerados dentro da configuração temática do NP, como argumento externo do nome. Esta é a hipótese nula: de acordo com Giorgi e Longobardi (1991) entre outros, são gerados em Spec,NP e a sua posição pós-nominal é dada pela subida do nome.

Os adjectivos modificadores pré e pós-nominais, porque são coordenáveis e podem variar a sua ordem relativa (ao contrário do que afirma Cinque 1994), parecem ser adjuntos, à esquerda ou à direita (ou a duas categorias diferentes, na linha de Bernstein 1992), e não especificadores.

A ideia da unificação da análise para línguas românicas e germânicas, parametrizando as diferenças unicamente pelo movimento do nome, não parece muito sustentável, uma vez que se observa que, nos dois grupos de línguas, o comportamento sintáctico dos elementos pré e pós-nominais é assimétrico. Independentemente da classe semântica dos adjectivos, em posição pré-nominal, os adjectivos não admitem complementos e admitem, mais dificilmente, modificação. Ora, uma análise à la Cinque, em que a única diferença entre línguas românicas e germânicas é a existência de movimento do nome ou não, não capta esta assimetria.

Com esta comunicação, pretendi mostrar que uma análise uniforme dos adjectivos como especificadores de categorias funcionais – a análise de Cinque (1994) – não se revela adequada para explicar a heterogeneidade da classe dos elementos ditos adjectivos.

Antes, parece mais adequada uma análise não uniforme, que capte os diferentes comportamentos sintácticos e semânticos dos vários elementos que a integram. No entanto, é necessário desenvolver uma análise mais detalhada e fina de forma a explicitar em concreto esses comportamentos.

Referências

- Abney, Steven Paul (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de Doutoramento, MIT.
- Alexiadou, Artemis e Chris Wilder (eds.) *Possessors, predicates and movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Bernstein, Judy B. (1992) On the syntactic status of adjectives in Romance. *CUNY Forum* 17, pp. 105-122.
- Bernstein, Judy B. (2001) Focusing the “right” way in Romance determiner phrases. *Probus* 13, pp. 1-29.
- Brito, Ana Maria (1996) A ordem de palavras no Sintagma Nominal em Português numa perspectiva de sintaxe comparada - um caso particular: os Ns deverbais eventivos. In *Actas do Congresso Internacional do Português*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 81-106.
- Brito, Ana Maria (1999) Português Europeu/Português Brasileiro: algumas diferenças sintácticas. *(Pré)publications*, pp. 12-34.
- Brito, Ana Maria (2001) Presença / ausência de artigo antes de possessivo no Português do Brasil. In *Actas do XVI Encontro da APL*. pp. 551-575.
- Brito, Ana Maria (2003) Categorias sintácticas. In *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 323-432.
- Brito, Ana Maria (2003) Os possessivos em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada. *Revista da FLUP*.
- Cardinaletti, Anna (1998) On the deficient/strong opposition in possessive systems. In Artemis Alexiadou e Chris Wilder (eds.) *Possessors, predicates and movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 17-53.
- Chomsky, Noam (1970) Remarks on Nominalization. In R. A. Jacobs e P.S. Rosenbaum, (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Ginn and Company.
- Cinque, Guglielmo (1980) Sulla nozione di “soggetto di sintagma nominale” in italiano. In *Studi di filologia romanza e italiana offerti a Gianfranco Folena dagli allievi padovan*. Modena: S.T.E.M.-Mucchi, pp.555-570.
- Cinque, Guglielmo (1994) Agreement and head-to-head movement in the Romance Noun Phrase. Comunicação apresentada no XX Linguistic Symposium on the Romance Languages, University of Ottawa.
- Cinque, Guglielmo (1994) On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. In G. Cinque et alii (eds.) *Paths Towards Universal Grammar. Studies in Honour of Richard Kayne*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, pp. 85-110.

- Costa, João (2000) Adverbs as Adjuncts to Non-Universal Functional Categories: evidence from Portuguese. In Artemis Alexiadou e Peter Svenonius (eds.) *Adverbs and Adjunction*. Universitätsbibliothek, Publikationsstelle, pp. 19-32.
- Costa, João e Maria Cristina Figueiredo Silva (2003) Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. Manuscripto, Universidade Nova de Lisboa.
- Ernst, Thomas (2000) On the Order of Event-Internal Adjuncts. In Artemis Alexiadou e Peter Svenonius (eds.) *Adverbs and Adjunction*. Universitätsbibliothek, Publikationsstelle, pp. 33-49.
- Giorgi, Alessandra e Giuseppe Longobardi (1991) *The syntax of Noun Phrases: configuration, parameters and empty categories*. Cambridge, NY: Cambridge University Press.
- Martinho, Fernando (1998) A elipse nominal em Português e em Francês. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.
- Miguel, Matilde (2002a) O estatuto categorial dos possessivos: possessivos e adjectivos. In *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos do CLUP*. Porto, pp. 191-202.
- Miguel, Matilde (2002b) Para uma tipologia dos possessivos. In *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 287-299.
- Picallo, M. Carme (1994) Catalan possessive Pronouns: The Avoid Pronoun Principle Revisited. *NLLT* 12 (2), pp. 259-299.
- Rizzi, Luigi (1990) *Relativized Minimality*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Rizzi, Luigi (2002) Locality and left periphery. In Adriana Belletti (ed.) *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures*. : OUP, pp.
- Schoorlemmer, Maaïke (1998) Possessors, Articles and Definiteness. In Artemis Alexiadou e Chris Wilder (eds.) *Possessors, predicates and movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 55-86.
- Zribi-Hertz, Anne (1998) Les syntagmes nominaux possessifs en français moderne: syntaxe et morphologie. In *La grammaire de la possession*. Nanterre: Université Paris X, pp. 129-166.